A C É P H A L E

SÉRIE PERIÓDICA NÚMERO 5

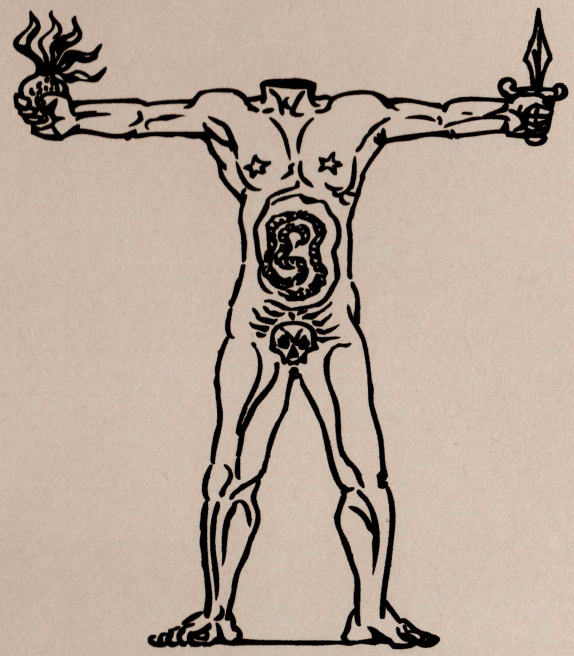
LOUCURA, GUERRA E MORTE

A ameaça de guerra 2
A loucura de Nietzsche 1
A prática da «alegria diante da morte» 3

JUNHO 1939

Contém apresentação de Fernando Scheibe,
e três textos à margem de *Acéphale*

Cultura e Barbárie



Apresentação
Fernando Scheibe

Ninguém assina os textos da última *Acéphale*. Os manuscritos demonstram que Georges Bataille os redigiu.

Embora insistisse em se apresentar como um periódico, era um fim.

Junho de 1939.

Havia anos ("A estrutura psicológica do fascismo" foi redigido em 1933; *O azul do céu* em 1935), Bataille sabia a guerra inevitável. Assim como o fracasso de *Acéphale*.

Bataille continuou tentando. Escrevendo para sair do logos. Usando a cabeça para escapar do uso e da cabeça. Querendo enlouquecer de verdade.

Destecendo sempre o mesmo texto. Em francês há um verbo muito forte: *dessiller*: descosturar as pálpebras (de um falcão, por exemplo, cujas pálpebras tivessem sido costuradas para que fosse adestrado).

Destampar a moleira. Abrir o olho pineal – ou o ânus solar.

Há neste número 5 uma vontade de forçar a chance.

É o paradoxo que perfaz o homem.

Agir: querer fazer aquilo que só pode se dar.

A glória, a graça. Bataille lhe deu nomes tão absurdos quanto soberania, experiência interior, meditação, noite do não-saber, chance.

A maneira como os dados caem. A absoluta contingência da divina ausência de Deus.

A *Suma Ateológica* é o luto dessa tentativa de forçar a chance.

E a celebração de seu desejo.

Um texto como "A prática da alegria diante da morte" já anuncia/enuncia este luto/celebração.

Laure morta. *Acéphale* despedaçada.

Acrescentamos ao final deste número final da revista *Acéphale* alguns textos ligados à "comunidade" *Acéphale*.

Boa leitura.

A LOUCURA DE NIETZSCHE

Em 3 de janeiro de 1889,

há cinquenta anos,

Nietzsche sucumbia à loucura:

Na praça Carlo Alberto, em Turim,

ele se lançou soluçando ao pescoço de um cavalo açoitado,

depois desabou;

acreditava, quando despertou, ser

DIONISOS

ou

O CRUCIFICADO.

Esse acontecimento

deve ser comemorado

como uma tragédia.

« Quando o que está vivo,

dissera Zaratustra,

comanda a si mesmo,

é preciso que o que está vivo

expie sua autoridade

e seja juiz, vingador e

VÍTIMA

de suas próprias leis. »

I

Queremos comemorar um acontecimento trágico e estamos agora aqui, suportados pela vida. O céu estrelado se estende acima de nossas cabeças e a terra gira sob nossos pés. A vida está em nosso corpo, mas em nosso corpo avança também a morte (mesmo de longe um homem pode sempre sentir a vinda dos últimos suspiros). Acima de nós, o dia sucederá à noite, a noite ao dia. No entanto, falamos, falamos alto, sem sequer saber o que são esses seres que somos. E daquele que não fala seguindo as regras da linguagem, os homens razoáveis que devemos ser asseguram que está *louco*.

Temos nós mesmos medo de devir *loucos* e observamos as regras com muita inquietude. Além do que, os desregramentos dos loucos estão classificados e se repetem com uma monotonia tal que se depreende deles um extremo tédio. O escasso atrativo dos dementes garante a seriedade e a severidade da lógica. No entanto, o filósofo é

talvez em seu discurso um «espelho do céu vazio» mais infiel que o insensato e, nesse caso, tudo não deveria explodir?

Essa interrogação não pode ser tomada a *sério*, já que, ajuizada, ela deixaria imediatamente de ter um sentido. No entanto, ela é resolutamente estranha ao espírito da pilhéria. Pois é necessário também que conheçamos o suor da angústia. Sob que pretexto não ficar desconcertado a ponto de suar? A ausência de suor é muito mais infiel que as pilhérias daquele que sua. Aquele que chamamos ajuizado é o filósofo, mas ele não existe independentemente de um conjunto de homens. Esse conjunto é composto de alguns filósofos que se entredilaceram e de uma multidão, inerte ou agitada, que os ignora.

Nesse ponto, aqueles que suam se chocam *na obscuridade* com aqueles que veem a história movimentada tornar claro o sentido da vida humana. Pois é verdade que, através da história, as multidões exterminando-se umas às outras dão consequências à incompatibilidade das filosofias — sob a forma dos diálogos que as carnificinas são. Mas a consumação é um combate tanto quanto o nascimento e, para além da consumação e do combate, que há de outro senão a morte? Para além das palavras que se entredestroem sem fim, que há de outro senão um silêncio que fará devir louco a força de suar e de rir?

Mas se o conjunto dos homens, ou, mais simplesmente, sua existência integral — SE ENCARNASSE num só ser — evidentemente tão solitário e tão abandonado quanto o conjunto —, a cabeça do ENCARNADO seria o lugar de um combate inaplacável — e tão violento que cedo ou tarde ela voaria em estilhaços. Pois é difícil perceber até que grau de tempestade ou de desencadeamento chegariam as visões desse encarnado, que deveria ver Deus mas no mesmo instante matá-lo, depois devir Deus ele próprio, mas somente para se precipitar imediatamente num nada: ele se veria então um homem tão desprovido de sentido quanto o primeiro transeunte que aparecesse, mas privado de qualquer possibilidade de repouso.

Ele não poderia, de fato, contentar-se em pensar e falar, pois uma necessidade interior o obrigaria a viver o que pensasse e o que dissesse. Semelhante encarnado conheceria assim uma liberdade tão grande que linguagem alguma bastaria para reproduzir seu movimento (e não mais que outras a dialética). Só o pensamento humano assim encarnado se tornaria uma festa cuja embriaguez e licença não seriam menos desencadeadas que o sentimento do trágico e a angústia. Isso leva a reconhecer — sem que reste escapatória alguma — que o «homem encarnado» deveria *também* devir louco.

Com que violência a Terra giraria dentro de sua cabeça! A que ponto ele seria crucificado! A que ponto ele seria um bacanal (para trás aqueles que teriam medo de ver seu...)! Mas como ele ficaria solitário, César, todo-poderoso e tão sagrado que um homem não poderia mais adivinhá-lo sem se derramar em lágrimas. Supondo-se que..., como Deus não ficaria doente ao descobrir diante de si sua razoável impotência de conhecer a loucura?

(3 de *janeiro* de 1939).

II

Mas não basta exprimir assim um movimento violento: as frases seriam a traição do impulso primordial se não estivessem ligadas aos desejos e às decisões que são sua razão de estar vivas. Ora, é fácil ver que uma representação da loucura no ápice não pode ter consequência direta: ninguém pode destruir em si voluntariamente o aparelho de expressão que o conecta a seus semelhantes — como um osso a outros ossos.

Um Provérbio de Blake diz que *se outros não tivessem sido loucos, nós deveríamos sê-lo.* A loucura não pode ser jogada fora da *integralidade* humana, que não poderia ser completa sem o louco. Nietzsche ficando louco — em nosso lugar — tornava assim essa integralidade possível; e os loucos que perderam a razão antes dele não tinham podido fazê-lo com tanto brilho. Mas o dom que um homem faz de sua loucura a seus semelhantes pode ser aceito por eles sem que seja retribuído com usura? E se não for a desrazão daquele que recebe a loucura de um outro como dom régio, qual poderia ser sua contrapartida?

Há outro provérbio: *Aquele que deseja mas não age gera pestilência.*

Sem dúvida alguma, o mais alto grau de pestilência é atingido quando a expressão do desejo é confundida com os atos.

Pois se um homem começa a seguir um impulso violento, o fato de exprimi-lo significa que renuncia a segui-lo ao menos durante o tempo da expressão. A expressão exige que se substitua a paixão pelo signo exterior que a figura. Aquele que se exprime deve, portanto, passar da esfera ardente das paixões à esfera relativamente fria e sonolenta dos signos. Em presença da coisa exprimida, é preciso, portanto, sempre se perguntar se aquele que a exprime não prepara para si mesmo um profundo sono. Tal interrogação deve ser conduzida com um rigor sem falhas.

Aquele que uma vez compreendeu que só a loucura pode realizar o homem, é assim levado lucidamente a escolher — não entre a loucura e a razão — mas entre a impostura de «um pesadelo que justifica roncos» e a vontade de comandar a si mesmo e de vencer. Nenhuma traição do que ele descobriu de brilhos e dilaceramentos no ápice lhe parecerá mais odiosa que os delírios simulados da arte. Pois se é verdade que ele deve se tornar *a vítima de suas próprias leis*, se é verdade que a realização de seu destino exige sua perda — em consequência, se a loucura ou a morte têm a seus olhos o brilho de uma festa —, então o próprio amor pela vida e pelo destino quer que ele cometa antes de tudo em si mesmo o crime de *autoridade* que ele *expiará*. Está aí o que exige o destino a que o liga um sentimento de chance* extrema.

---

* **Nota do tradutor:** O "conceito" de chance torna-se central no pensamento de Bataille ao longo dos anos 1940 (não à toa, o subtítulo de *Sur Nietzsche* é "vontade de chance"). Chance não quer dizer simplesmente sorte. Etimologicamente ligada ao latim *cadere*, cair, calhar, a chance tem a ver com a afirmação do acaso (que deriva do mesmo *cadere*). Já que abri uma nota, aproveito para dizer que a frase anterior, que termina com "o crime de autoridade que expiará" aponta claramente para a famosa conversa de Bataille com Maurice Blanchot em que este o teria "iluminado" dizendo-lhe "que a própria experiência é a autoridade (mas a autoridade se expia)".

Procedendo assim inicialmente do delírio impotente à potência — da mesma forma que deverá no desenlace de sua vida proceder em retorno da potência a algum desabamento súbito ou lento —, seus anos não poderão mais transcorrer senão à procura — impessoal — da força. No momento em que a integralidade da vida lhe apareceu ligada à tragédia que a realiza, ele pôde perceber o quanto essa revelação corre o risco de enfraquecer. Pôde ver ao seu redor aqueles que se aproximam do segredo — que representam assim o verdadeiro «sal» ou o «sentido» da terra — se abandonarem ao sono dissoluto da literatura e da arte. A sorte da existência humana lhe apareceu assim ligada a um pequeno número de seres privados de qualquer possibilidade de potência. Pois certos homens portam em si mesmos muito mais do que, em sua degradação moral, acreditam: enquanto a multidão ao redor deles e aqueles que a representam sujeitam à necessidade tudo o que tocam. Aquele que se formou até o extremo na meditação da tragédia deverá, portanto — em vez de se comprazer na «expressão simbólica» das forças que dilaceram —, ensinar aqueles que se lhe assemelham a serem consequentes. Deverá, por sua obstinação e firmeza, conduzi-los a se organizarem, a cessarem de ser, comparados aos fascistas e aos cristãos, farrapos menosprezados por seus adversários. Pois cabe-lhes a tarefa de impor a chance à massa daqueles que exigem de todos os homens um modo de vida servil: a chance, vale dizer, aquilo que eles são mas de que abdicam por insuficiência de vontade.

A AMEAÇA DE GUERRA

Só há circunstâncias difíceis para aqueles que recuam diante do túmulo.

SAINT-JUST

Não é inútil opor aos renegamentos de uns ou às escapatórias de outros um pequeno número de afirmações sem equívoco.

1. *O combate é a mesma coisa que a vida. O valor de um homem depende de sua força agressiva.*

2. *Um homem «vivo» vê a morte como aquilo que consuma a vida: não como um infortúnio. Em contrapartida, um homem que não tem a força de dar à sua morte um valor tônico é algo «morto».*

3. *Se alguém se propõe a ir até o fundo do destino humano, é impossível permanecer só, é preciso formar uma verdadeira Igreja, é preciso reivindicar um «poder espiritual» e constituir uma força capaz de desenvolvimento e de influência. Nas circunstâncias presentes, semelhante Igreja deveria aceitar e mesmo desejar o combate em que ela afirmaria sua existência. Mas ela deveria reportá-lo essencialmente a seus interesses próprios, ou seja, às condições de uma «consumação» das possibilidades humanas.*

4. *A guerra não pode ser reduzida a uma expressão e ao meio de desenvolvimento de alguma ideologia, mesmo belicista: ao contrário, as*

ideologias são reduzidas ao papel de meios de combate. Uma guerra supera por todos os lados as «palavras» que são pronunciadas contraditoriamente por sua ocasião.

5. *O fascismo subordina servilmente todo valor à luta e ao trabalho. A espécie de Igreja que definimos deveria estar ligada a valores que não sejam nem militares nem econômicos: não haveria para ela diferença entre existir e combater um sistema fechado de servidão. Ela não permaneceria menos estranha ao interesse nacional ou às grandes palavras democráticas.*

6. *Os valores dessa Igreja deveriam ser da mesma ordem que as avaliações tradicionais que situam a Tragédia no ápice: independentemente dos resultados políticos, é impossível ver uma descida do universo humano aos infernos como privada de sentido. Mas, do que é infernal, só deveria ser possível falar discretamente, sem depressão e sem bravata.*

A PRÁTICA DA ALEGRIA DIANTE DA MORTE

Tudo isso eu o sou, eu quero sê-lo:
Ao mesmo tempo pomba, serpente e porco.
NIETZSCHE.

Quando um ser humano se acha colocado de tal sorte que o mundo se reflete nele felizmente e sem acarretar destruição ou sofrimento — como numa bela manhã de primavera —, ele pode se deixar levar pelo encantamento ou pela alegria simples que disso resulta. Mas ele pode perceber também no mesmo instante o pesadume e a vã aspiração de repouso vazio que essa beatitude significa. Nesse momento o que se eleva cruelmente nele é comparável a uma ave de rapina trucidando um pássaro menor num céu azul aparentemente tranquilo e claro. Ele percebe que não poderia consumar a vida sem se abandonar a um movimento inexorável, cuja violência sente se exercer no mais íntimo de si mesmo com um rigor que o apavora. Se ele se volta para os outros seres, que não superam a beatitude, não experimenta ódio; ao contrário, experimenta simpatia pelas felicidades necessárias: choca-se tão somente contra aqueles que têm eles próprios a pretensão de consumar a vida e que representam uma comédia sem perigo para se fazerem reconhecer como aqueles que consumam, quando não são mais do que aqueles que falam de consumar. Mas é desejável que não seja então tomado de vertigem. Pois a vertigem é capaz de logo lançá-lo, esgotado, numa aspiração de lazer feliz ou, na falta deste, de vida sem sofrimento. Ou, se não sucumbe e se dilacera até o limite numa precipitação apavorada, entra na morte de tal maneira que não há nada de mais terrível. Feliz somente daquele que, tendo sentido a vertigem até tremer com todos seus ossos e até nada mais medir de sua queda, reencontra, de chofre, a força inesperada

de fazer de sua agonia uma alegria capaz de gelar e de transfigurar aqueles que a encontram. No entanto, a simples ambição que pode se apossar de um homem que, de sangue frio, olha em si a vida se consumar no dilaceramento, não pode pretender a uma grandeza de que só a chance extrema tem a força de dispor. Essa espécie de decisão violenta que o lança fora do repouso não acarreta necessariamente sua vertigem nem sua queda numa morte precipitada. Ela pode devir nele ato e potência pelos quais entrega-se ao rigor cujo movimento volta incessantemente a se fechar tão talhante quanto o bico de uma ave de rapina. A contemplação não é mais que a extensão, ora calma, ora tempestuosa, através da qual a força rápida de sua ação deve ser posta a prova uma vez ou outra. A existência mística daquele cuja «alegria diante da morte» tornou-se a violência interior não pode encontrar em caso algum uma beatitude satisfatória por si mesma, comparável àquela do cristão que oferece a si mesmo o antegosto da eternidade. O místico da alegria diante da morte não pode ser visto como acuado, já que está em condições de rir com toda leveza de cada possibilidade humana e de conhecer cada encantamento acessível: no entanto, a totalidade da vida — a contemplação extática e o conhecimento lúcido *consumando-se numa ação* que não pode deixar de devir risco — é tão inexoravelmente a parte que lhe cabe quanto a morte é aquela de um condenado.

★

Os textos a seguir não podem constituir por si só uma iniciação ao *exercício* de uma mística da «alegria diante da morte». Admitindo que possa existir um método, eles não representam sequer um de seus elementos. A própria iniciação oral sendo difícil, é impossível dar em algumas páginas outra coisa que não a representação mais vaga do que é inapreensível por natureza. Em seu conjunto, estes escritos representam, aliás, menos *exercícios* propriamente ditos do que simples descrições de um estado contemplativo ou de uma contemplação extasiada. Estas descrições sequer seriam aceitáveis se não fossem dadas pelo que são, vale dizer, como livres. Só o primeiro texto poderia a rigor ser proposto como um *exercício*.

★

Pode-se empregar a palavra *mística* a respeito da «alegria diante da morte» e de sua prática, mas isso não significa mais que uma semelhança de ordem afetiva entre essa prática e aquela dos religiosos da Ásia ou da Europa. Não existe razão para ligar qualquer pressuposição sobre uma pretendida realidade profunda a uma alegria que não tem outro objeto além da vida imediata. A «alegria diante da morte» só pertence àquele para quem não há *além*: ela é a única via de probidade intelectual que a busca do êxtase pode seguir.

Como, aliás, um *além*, como Deus ou o que quer que seja de semelhante a Deus poderia ainda ser aceitável? Nenhum termo é claro o suficiente para exprimir o desprezo feliz daquele que «dança com o tempo que o mata» por aqueles que se refugiam na espera da beatitude eterna. Essa espécie de santidade timorata — que era preciso antes de mais nada pôr ao abrigo dos excessos eróticos — perdeu agora todo o seu poder: só mesmo rindo de uma embriaguez sagrada que se combinava com um «santo» horror pela devassidão. A pudicícia é talvez salutar aos acanhados: no entanto, aquele que tivesse medo das raparigas nuas e do whisky teria pouca coisa a fazer com a «alegria diante da morte».

Só uma santidade desavergonhada, impudica, pode levar a uma *perda de si* suficientemente feliz. A «alegria diante da morte» significa que a vida pode ser magnificada da raiz até o topo. Ela priva de sentido tudo o que está *no além* intelectual ou moral, substância, Deus, ordem imutável, ou salvação. Ela é uma apoteose do que é perecível, apoteose da carne e do álcool tanto quanto dos transes do misticismo. As formas religiosas que ela reencontra são as formas ingênuas que precederam a intrusão da moral servil: ela renova essa espécie de jubilação trágica que o homem «é», a partir do momento em que cessa de se comportar como um enfermo: de fazer uma glória do trabalho necessário e de se deixar emascular pelo temor do amanhã.

★

1

«Abandono-me à paz até o aniquilamento.

»Os ruídos de luta se perdem na morte como os rios no mar, como o brilho das estrelas na noite.

»A potência do combate se consuma no silêncio de toda ação.

»Entro na paz como num desconhecido obscuro.

»Caio nesse desconhecido obscuro.

»Eu mesmo me torno esse desconhecido obscuro.

2

«EU SOU a alegria diante da morte.

»A alegria diante da morte me carrega.

»A alegria diante da morte me precipita.

»A alegria diante da morte me aniquila.

»Permaneço nesse aniquilamento e, a partir daí, vejo a natureza como um jogo de forças que se exprime numa agonia multiplicada e incessante.

»Eu me perco assim lentamente num espaço ininteligível e sem fundo.

»Atinjo o fundo dos mundos

»Sou roído pela morte

»Sou roído pela febre

»Sou absorvido no espaço sombrio

»Sou aniquilado na alegria diante da morte.

3

«EU SOU a alegria diante da morte.

»A profundeza do céu, o espaço perdido é alegria diante da morte: tudo é profundamente fendido.

»Imagino que a Terra gira vertiginosamente no céu.

»Imagino o próprio céu deslizando, girando e se perdendo.

»O sol, comparável a uma bebida alcoólica, girando e brilhando a ponto de perder a respiração.

»A profundeza do céu como uma orgia de luz gelada se perdendo.

»Tudo o que existe se destruindo, consumindo-se e morrendo, cada instante só se produzindo no aniquilamento daquele que o precede e ele próprio só existindo ferido de morte.

»Eu mesmo me destruindo e me consumindo sem parar em mim mesmo numa grande festa de sangue.

»Imagino o instante gelado de minha própria morte (1).»

(1) Uma noite, em sonho, X. se sente atravessado pelo raio: compreende que está morrendo e fica imediata e miraculosamente deslumbrado e transfigurado; nesse instante de seu sonho, atinge o *inesperado* mas acorda.

4

«Fixo um ponto diante de mim e imagino esse ponto como o lugar geométrico de toda existência e de toda unidade, de toda separação e de toda angústia, de todo desejo insaciado e de toda morte possíveis.

»Adiro a esse ponto e um profundo amor pelo que está nesse ponto me queima até recusar estar em vida por qualquer outra razão que não o que está ali, por esse ponto que, sendo conjuntamente vida e morte do ser amado, tem o estrondo de uma catarata.

»E ao mesmo tempo é necessário desnudar o que está ali de todas suas representações exteriores, até que não haja mais que uma pura violência, uma interioridade, uma pura queda interior num abismo ilimitado: esse ponto absorvendo sem fim toda a catarata no que é nele

nada, vale dizer, desaparecido, «passado», e no mesmo movimento prostituindo sem fim uma aparição súbita ao amor que quer em vão capturar aquilo que vai cessar de ser.

»A impossibilidade da saciedade no amor é um *guia* em direção ao *salto consumador* ao mesmo tempo em que é colocação no nada de toda ilusão possível.»

5

«Se imagino numa visão e num halo que o transfigura o rosto extasiado e esgotado dum ser morrente, o que irradia desse rosto aclara com sua necessidade a nuvem do céu, cuja luminosidade cinza se torna então mais penetrante que aquela do próprio sol. Nessa representação, a morte se mostra da mesma natureza que a luz que aclara, na medida em que esta se perde a partir de seu foco irradiador: fica claro então que é necessária uma perda não menor do que a morte para que o brilho da vida atravesse e transfigure a existência opaca, já que é somente o seu arrancamento livre que *devém em mim* a potência da vida e do tempo. Assim, cesso de ser outra coisa além do espelho da morte, da mesma maneira que o universo não é mais que o espelho da luz.»

6. *Meditação heraclitiana.*

«EU MESMO SOU A GUERRA.

»Imagino um movimento e uma excitação humanos cujas possibilidades são sem limite: esse movimento e essa excitação só podem ser *apaziguados* pela *guerra.*

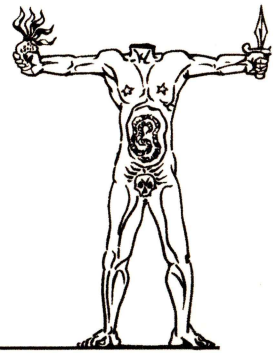
»Imagino o dom de um sofrimento infinito, do sangue e dos corpos abertos, à imagem duma ejaculação, abatendo aquele que ela sacode e o abandonando a um esgotamento carregado de náuseas.

»Imagino a Terra projetada no espaço, semelhante a uma mulher gritando com a cabeça em chamas.

»Diante do mundo terrestre, em que o verão e o inverno ordenam a agonia de tudo o que é vivo, diante do universo composto de estrelas inumeráveis que giram, se perdem e se consomem sem medida, não percebo mais que uma sucessão de esplendores cruéis cujo próprio movimento exige que eu morra; esta morte é apenas consumação *brilhante* de tudo o que era, alegria de existir de tudo o que vem ao mundo; até minha própria vida exige que tudo o que é, em todos os lugares, se dê e se aniquile sem cessar.

»Imagino-me coberto de sangue, roto mas transfigurado e de acordo com o mundo, a uma só vez como uma presa e como uma maxila do TEMPO que mata sem cessar e é sem cessar morto.

»Existem um pouco por toda parte explosivos que não tardarão talvez a cegar meus olhos. Rio se penso que esses olhos persistem em exigir objetos que não os destruam.»



ANEXOS: À MARGEM DE *ACÉPHALE*
Textos extraídos da seção "En marge d'Acéphale",
Oeuvres Complètes de Georges Bataille, t. II

PROGRAMA

1. Formar uma comunidade criadora de valores, valores criadores de coesão.

2. Suprimir a maldição, o sentimento de culpabilidade que atingem os homens, obrigam-nos a guerras que não querem, votando-os a um trabalho cujo fruto lhes escapa.

3. Assumir a função de destruição e de decomposição, mas como acabamento e não como negação do ser.

4. Realizar a consumação pessoal do ser e sua tensão pela concentração, por uma ascese positiva e por uma disciplina individual positiva.

5. Realizar a consumação universal do ser pessoal na ironia do mundo dos animais e pela revelação de um universo acéfalo, jogo e não estado ou dever.

6. Tomar sobre si a perversão e o crime não como valores exclusivos, mas como devendo ser integrados na totalidade humana.

7. Lutar para decompor e excluir toda comunidade outra que esta comunidade universal, tais como as comunidades nacionais, socialista e comunista ou as igrejas.

8. Afirmar a realidade dos valores, a desigualdade humana que dela resulta e reconhecer o caráter orgânico da sociedade.

9. Participar na destruição do mundo que existe, os olhos abertos para o mundo que será.

10. Considerar o mundo que será no sentido da realidade contida desde agora e não no sentido de uma felicidade definitiva que não é apenas inacessível mas odiosa.

11. Afirmar o valor da violência e da vontade de agressão na medida em que são a base de toda potência.

4-4-36.

A meus próprios olhos a existência...

A meus próprios olhos a existência que me é pessoal não poderia estar perdida, verdadeiramente perdida, senão em condições pouco prováveis... Mas eu jamais soube olhar a existência com o desprezo distraído do homem *só*. Sempre abri mil olhos sobre a existência desse mundo desconcertante, abri milhares de olhos sobre minha própria existência: milhares de olhares ávidos se agarravam mesmo a reflexões que teria querido esquivar a toda força.

Meus dois olhos de egoísta ou de aturdido teriam podido qualquer coisa. Eu teria podido, a gosto, levar uma existência insustentável: tais olhos teriam tido também a curiosidade tranquila de descobrir alguma coisa de insustentável ou de falho: eu devia ter feito tudo soçobrar numa hebetude negadora, mas minha avidez não era o movimento deliberadamente bruto que eu acreditara. Ela era como a avidez de um cão, que não pode ser separada daquela do caçador que o acompanha passo a passo. Toda a existência humana estava presente na opressão que me desconcertou, a existência de mil olhos, mil olhos ávidos para perceber uma presa para além das migalhas com as quais se alimenta o tédio de cada dia.

Sou talvez temerário, talvez covarde ou ainda alternadamente temerário e covarde. Vivo: disponho como qualquer um, por vezes mais, das luzes, do alimento, das conversações vazias e das reflexões que a vaidade torna reconfortantes: não gostaria de deixar de dispor de nenhuma dessas covardias e eis por que falo delas com um cuidado de exatidão tão tranquilo. Percebo — as frases, ordenando-se, formam uma cortina de bruma, mas essa cortina é por vezes transparente — graças a que fúteis pretextos um homem ávido pode suportar o espetáculo do céu, da terra e dos homens sem explodir em soluços: por que me é impossível amar, amar o que finalmente não seria mais eu — que exigiria em troca

do amor que finalmente me consumiria o dom de toda minha vida, *de toda minha vida?...*

Decerto, respondo mal a uma expectativa... Mas a expectativa deve primeiro ser frustrada. *A procura da presa viva não é a procura apressada da sombra com que se contenta a preguiça de espírito que se dá o nome de ação.* Afasto-me daqueles que esperam do acaso, de um sonho, de um levante a possibilidade de escapar à insuficiência. Eles se parecem demais com aqueles que outrora remeteram a Deus a preocupação de salvar sua existência falha. Mas temo a expectativa contrária que supõe tudo à mercê de uma improvisação.

As poucas maravilhas que a pobreza humana desse tempo mantém como os despojos de um passado de uma grandeza esmagadora, como o testemunho de uma decadência sem remédio, deveram-se menos à vontade arrebentadora que à disciplina lenta e selvagem que dissolve passo a passo cada covardia, cada esquecimento num ritmo que age como uma interminável encantação. Tenho medo — faço questão de me exprimir mais puerilmente do que jamais pude fazê-lo —, provo um sentimento de aflição física diante das tentações que surgem tão precárias quanto espectros — como evitar na ausência e no vazio em que somos esquecidos tornar-se o joguete de alguns espectros —, mas aquilo que é simplesmente espectral não é ainda mais que a sombra projetada da ausência e do vazio. O que pode ser amado se reconhece no amor e na embriaguez irremediáveis, em cruéis e duradouras exigências, não na excitação noturna e na decepção que seguem os terrores devidos à presença da morte.

Não estou situado na necessidade de achar naquilo que escrevo outra coisa ou mais do que a vida me traz: me pareceria vão dissimular o que quer que seja daquilo que se opõe ainda à vinda da «interminável encantação» feita um dia talvez de solidões, de privações, de sofrimentos e mesmo de suplícios *felizmente* sofridos. A tentativa taciturna que estreita os nervos e os endurece, a meditação conduzida lentamente ao limite de um soluço abandonam talvez mais do que parece a vontade a incoerências, a imprevisíveis traições. O percurso seguido para além das vias traçadas exige menos a energia furiosa que a insistência em desarmar a pior obstinação: a obscura obstinação de todos os homens em se quererem os portadores e as vítimas de uma existência deserdada.

Não penso tanto naqueles que, na falta de terem achado o que a vida oferece de ardente e de irremediável, não tomam senão por pobreza o partido dos que ela deserda. Mas quem pode estar seguro de que através dos desvios do destino um impulso tumultuoso não busque desajeitadamente o que justificará um dia uma maldição de cão magro contra a vida — ou, mais humilhada ainda, a benção a uma existência enferma.

A chance — buscada na feliz e perturbada insistência da encantacão — pode só ela responder aqui a uma ironia cheia de angústia. A chance que afasta com tanta segurança aquele que não quer achar em si mais que a *extensão* demasiado claramente finita da existência deserdada.

Tossa, 14.IV.36.

[Instruções para o «encontro» na floresta]

Para ler várias vezes, da maneira mais precisa
e para reter:

Pegar num guichê de pequena periferia uma passagem de ida e volta para Saint-Nom-la-Bretèche. O trem é às 20 horas.

Não reconhecer ninguém, não falar com ninguém e escolher um lugar afastado dos outros.

Em Saint-Nom, sair da estação dirigindo-se para a esquerda em relação à marcha do trem.

Seguir sem nada perguntar aquele dentre nós que esperará na estrada, em grupos de dois ou três no máximo e sempre sem falar, até a trilha a partir da qual a caminhada se dará em fila indiana, cada um a alguns metros de distância do precedente.

De novo na estrada, caminhar ainda em pequenos grupos a fim de atrair a atenção o mínimo possível se isso acontecer.

Uma vez no lugar do encontro, parar e esperar ser conduzido individualmente ao local onde será preciso permanecer imóvel e mudo até o fim.

Quando tudo tiver terminado, seguir aqueles que sairão dali nas mesmas condições que na ida.

No retorno no trem, pegar um lugar afastado dos outros e, em Paris, ir cada um para seu lado.

Não se trata de estar de humor sinistro ou mesmo moroso, mas está fora de questão falar em nenhum momento e isso deve se dar em toda simplicidade.

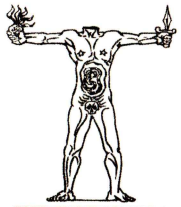
Na sequência, toda conversação a respeito do «encontro» está excluída, sob qualquer pretexto que seja. Aquilo que cada um de nós quiser exprimir só poderá sê-lo sob a forma de texto destinado ao diário interior.

Num solo pantanoso, no centro de uma floresta, onde parece que perturbações intervieram na ordem habitual das coisas, encontra-se uma árvore fulminada.

É possível reconhecer nessa árvore a presença muda daquilo que tomou o nome de *Acéphale*, e se exprimiu em braços sem cabeça; é a vontade de buscar e de encontrar uma presença que preencha nossa vida de razão de ser, que dê a atitudes um sentido que as oponha àquelas dos outros. Esse ENCONTRO que é *tentado* na floresta se dará na realidade na medida em que a morte transparecer nele. Colocar-se diante dessa presença é querer afastar a roupa com que nossa morte está coberta.

1° Quanto à região reservada na floresta, é preciso que cada um de nós vá reconhecer seus limites. Ambrosino irá portanto, para começar, com um de nós ou dois no máximo. O que prosseguirá de um a outro até que ninguém mais ignore esses limites.

2° O enxofre é uma matéria que provém do interior da terra e só sai dali pela boca dos vulcões. Isso tem evidentemente um sentido em relação com o caráter ctônico da realidade mítica que perseguimos. Também tem um sentido que as raízes de uma árvore penetrem profundamente na terra.



ACÉPHALE

CULTURA E BARBÁRIE EDITORA

Publicação em fascículos dos 4 volumes da **ACÉPHALE** traduzidos ao português

NÚMERO 5
Desterro, 2014

Tradução
Fernando Scheibe

Diagramação
Alexandre Nodari

Conselho Editorial da Cultura e Barbárie
Alexandre Nodari, Flávia Cera,
Leonardo D'Ávila, Marina Moros e Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br | Florianópolis/SC

Esse número da **Acéphale**
foi impresso em gráfica própria
e costurado manualmente
no 139º aniversário
de nascimento de Rainer Maria Rilke